

OS LIVROS

Ir. Elvo Clemente

O acadêmico Sergio de Laforêt Padilha, sócio correspondente da Academia Rio-Grandense de Letras, residente em São Lourenço do Sul/RS, escreveu bela plaqueta sob o título – *Os Livros* (breve abordagem). O autor, por seu amor à leitura, reproduz pensamentos sobre livros e leituras.

Tem boa biblioteca com livros atuais que vão recebendo a cada mês novos companheiros nas estantes.

Reproduzo a estrofe de Pery de Castro (1897-1983) sobre o livro:

Todo livro é uma centelha
divina, volatizada,
e tem rubor de alvorada
e o despertar do Universo!
É algo que vem do berço
para o segredo da vida,
é a semente prometida
que vem na prosa e no verso!

Não menos interessante são os versos de Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938), no castelo, em Pedras Altas/RS:

Bem-vindo à mansão que encerra
dura lida e doce calma
o arado que educa a terra
o livro que amanha a alma!

É bela a frase de Monteiro Lobato (1882-1948)
“Um país se faz com homens e livros”

O escritor dá um passeio por sua biblioteca destaca os livros e autores.

Sérgio de Laforêt Padilha conclui depoimentos com a frase: “Perguntaram-me, certa vez, em que época eu gostaria de ter nascido. Respondi: em qualquer uma, desde que após Johann Gutenberg (1400-1468). Portanto estou satisfeito”.

O ano em que Saramago sugeriu votar em branco

Cris Gutkoski

PUCRS

No ano de 2004, em que os Estados Unidos decidiram reeleger o seu auto-intitulado “presidente da guerra”, o escritor português José Saramago lançou um romance que enaltece o poder do voto em branco. Em novembro, passados mais de seis meses da publicação simultânea em Portugal e no Brasil, *Ensaio sobre a lucidez* já estava disponível em espanhol, mas ainda não havia sido traduzido para o inglês, idioma dos norte-americanos e ingleses cujos governos sustentam a prolongada carnificina no Iraque. Saramago, com a autoridade que o Prêmio Nobel lhe deu em 1998, continua preocupado em promover a literatura como arma de conscientização da sociedade acerca das profundas transformações ocorridas na política e na economia globalizadas das duas últimas décadas. É como se, meio século depois, ele atualizasse os apelos do colega escritor Jean-Paul Sartre contidos no manifesto *Que é a literatura?*: nomear é desvendar, tirar a inocência do mundo para transformá-lo, logo o engajamento não é um palavão, mas uma exigência em nome da opção de ser escritor.

Este ensaio pretende analisar a ficção recente do romancista português à luz de teóricos como Georg Lukács e Sartre, ambos, em épocas e de formas distintas, interessados em acentuar o imperativo moral ou ético das obras de arte. Os dois intelectuais também destacaram em seus ensaios o poder libertador da literatura, da arte como demonstração de confiança na liberdade dos homens. Lukács, em *A teoria do romance*, concentra-se na ironia, “a mística negativa dos tempos sem deus”, recurso característico da prosa de Saramago. As idéi-

as de Lukács serão sublinhadas aqui por comentários de Fredric Jameson, cujos livros têm publicação no final do século XX.

Ensaio sobre a lucidez recebeu da imprensa brasileira críticas pouco entusiasmadas, que ressaltaram apenas a primeira parte do livro: o fenômeno dos milhares de votos em branco despejados nas urnas pela população da capital de um país imaginário e a ausência surpreendente de caos numa situação de estado de sítio, decidido quando a cúpula do governo parlamentarista, indignado com o que classifica de “atentado à democracia representativa”, decide se retirar e isolar a capital onde residem os “revoltosos”. Nas resenhas de jornais e revistas no Brasil, quase nenhuma ênfase foi dada ao tipo especial de protagonistas desse romance, um grupo de funções sociais específicas, cujas contradições entre discurso e prática são exibidas em longos diálogos do presidente da República com seus principais aliados, o primeiro-ministro, os ministros da defesa, do Interior, da justiça, da cultura e de obras públicas, diálogos sucedidos, na segunda parte do romance, por reflexões de agentes de polícia enviados em missão secreta à capital dos votos em branco. O autor concentra assim a ação do romance nas idéias e nos gestos de servidores públicos subordinados ao mando de um partido de direita, ou p.d.d, como a entidade surge apresentada no primeiro capítulo, em contraposição ao p.d.m (partido do meio) e p.d.e (partido da esquerda).

Todo o cenário do primeiro capítulo é o exíguo espaço de uma seção eleitoral, uma destas pequenas salas, em escolas, igrejas ou repartições públicas, onde no dia da eleição algumas dezenas de eleitores fazem fila diante de uma única urna. Para a ficção contemporânea, mais acostumada a cenas de violência urbana, sexo e dramas familiares ou empresariais, apostar na capacidade de representação do diminuto núcleo onde se decide a política nas democracias representativas é já um ato de coragem. Saramago configurou esse capítulo singular com recursos de drama, suspense, reviravolta no curso dos acontecimentos e inclusive uma inédita cena de amor ao final, quando o presidente da seção eleitoral lê em voz alta o nome completo da mulher, que está na fila para votar. Numa antecipação simbólica do clima de tragédia que irá se instalar na narrativa, a eleição, num domingo, transcorre sob mau tempo, de chuva forte acrescida de chicotadas de vento. Um dia, enfim, ideal para a população desistir de votar, ou transferir essa obrigação para a elite que dispõe do conforto de um automóvel preto com motorista. Mas as persona-

gens, os eleitores, reverterem o mau presságio de vasta abstenção e surpreendem o governo instalado, confiante na reeleição do seu partido, com mais de 70% de votos em branco.

Saramago deflagra desde as primeiras páginas a abordagem ficcional da mídia como importante vilã da história, “parte ativa no desastre” do mundo. A repórteres e comentaristas de rádio, TV e jornal serão distribuídos, ao longo do romance, adjetivos como “estúpidos”, dotados de “curiosidade devoradora”, capazes de enxergar cegueira e perversidade no ato singelo de votar em branco. O trecho a seguir mostra o quanto o narrador espicaça o constante improvisado dos meios de comunicação social diante de fatos históricos surpreendentes:

Os comentadores que nas várias televisões acompanhavam o processo eleitoral, dando palpites à falta de dados seguros de apreciação, inferindo do voo e do canto das aves a vontade dos deuses, lamentando que já não esteja autorizado o sacrifício de animais para nas suas vísceras ainda palpitantes decifrar os segredos do cronos e do fado, despertaram subitamente do torpor em que as perspectivas mais do que sombrias do escrutínio os haviam feito soçobrar e, certamente porque lhes parecia indigno de sua educativa missão desperdiçar tempo a discutir coincidências, lançaram-se como lobos ao extraordinário exemplo de civismo que a população da capital estava a dar ao país naquele momento, acudindo em massa às urnas quando o fantasma de uma abstenção sem paralelo na história da nossa democracia ameaçava gravemente a estabilidade não só do regime, mas também, muito mais grave, do sistema.¹

O trecho longo, composto de uma só frase, eivada de estilo irônico e de poder retórico por meio da hiberbole, sinaliza para o leitor que ele está diante de uma narrativa literária e não de uma narrativa da História. Para Lukács, por exemplo, a ironia é uma intenção normativa do romance, condenada à complexidade do movimento em dupla direção: um romancista que se utiliza dessa figura de linguagem apreende a profunda desesperança da luta, mas ao tempo chama a atenção para o desespero ainda maior que seria desistir de lutar. A ironia promove na literatura a “autocorreção ética”, resume o teórico húngaro.

Ensaio sobre a lucidez é um romance sobre temas duros como o terrorismo de Estado, o autoritarismo, a sociedade do espetáculo, o

¹ SARAMAGO, 2004, p. 22-23.

engodo da democracia representativa e a falência do poder político diante do poder econômico virtual e sem fronteiras. Tais objetos, sujeitos e discursos, oferecem um elevado grau de dificuldade para a sua ficcionalização. Os heróis da narrativa, as personagens que saem em busca de si e sofrem um doloroso processo de transformação, são sobretudo homens que passam a questionar as ordens que recebem dos ministros de Estado, revoltando-se contra elas e mesmo renunciando a seus cargos públicos. Nota-se nesse movimento de consciências a capacidade do autor de recusar o maniqueísmo das opções políticas. Ao mesmo tempo em que concentra no partido da direita o poder sem limites de promover versões e justificar assassinatos, o narrador vai transferindo também para o círculo do primeiro escalão do governo a capacidade de indignação e reação, primeiramente limitada à massa de eleitores anônimos. O leitor acompanha uma seqüência de renúncias, a primeira do presidente da Câmara, aliado do p.d.d, e as seguintes dos ministros da cultura e da justiça, este um dos primeiros a alertar os colegas para o exagero de classificar o uso do direito do voto em branco de “terrorismo puro e duro” ou de “peste moral” a infectar a população. Mesmo o presidente da República lamenta a humilhação de ter que sentar-se para trabalhar numa “cadeira com algemas”, metáfora do tipo avançado de escravidão a que o sistema financeiro internacional submete as nações.

No romance, a dureza da retórica contra os cidadãos pavimenta o caminho dos governantes para o uso de medidas drásticas como a espionagem da vida dos eleitores, os interrogatórios e a posterior decretação do estado de sítio. Outro a renunciar ao cargo e aos desmandos do poder será o protagonista da segunda parte do romance, o chefe da missão de inspetores policiais encarregados de localizar os culpados pelo “atentado” dos votos em branco. O trecho a seguir é exemplar da impotência dos atos do cidadão comum diante da fabricação de verdades por governos autoritários. Ampliando e atualizando o exemplo fornecido pela ficção de Saramago: na vida real, em anos recentes, não adiantou que dezenas de milhões de pessoas saíssem às ruas de dezenas de capitais, em março de 2003, pedindo paz antes da deflagração da guerra contra o Iraque. Eram protestos inúteis, diante da versão, meses depois confirmada como francamente mentirosa, de que o país inimigo dispunha de armas de destruição em massa. Também foram inúteis os protestos em forma de filmes, shows, documentários e livros, vindos de vários pontos do

mundo, contra a reeleição de George W. Bush. No romance de Saramago, o poder antecipa a sentença para um crime inexistente:

Precisaríamos de provas, sem provas nada podemos fazer, albatroz, Encontrem-nas, papagaio-do-mar, procedam a uma busca rigorosa nas casas, Mas nós só podemos fazer buscas com autorização de um juiz, albatroz, Recordo-lhe que a cidade se encontra sob estado de sítio e que todos os direitos e garantias dos habitantes estão suspensos, papagaio-do-mar, E que fazemos se não encontrarmos provas, albatroz, Recuso-me a admitir que não as encontre, papagaio-do-mar, para comissário parece-me demasiado ingênuo, desde que me conheço como ministro do interior, as provas que não havia, afinal estavam lá, O que me está a pedir não é fácil nem agradável, albatroz, Não peço, ordeno, papagaio-do-mar, Sim, albatroz, em todo o caso peço licença para notar que não estamos perante um crime evidente, não há provas de que a pessoa a quem se decidiu considerar suspeita o seja na realidade, todos os contactos estabelecidos, todos os interrogatórios feitos, apontam, pelo contrário, para a inocência dessa pessoa, A fotografia que se faz a um detido, papagaio-do-mar, é sempre a de um presuntivo inocente, depois é que se vem a saber que o criminoso já estava lá, (...) Que acontecerá se não se encontrarem provas da culpabilidade, O mesmo que aconteceria se não se encontrassem provas da inocência, Como devo entendê-lo, albatroz, Que há casos em que a sentença já está escrita antes do crime, Sendo assim, se entendi bem aonde quer chegar, rogo-lhe que me retire da missão, albatroz, (...)²

No caso da destruição do Iraque, a sentença de que os Estados Unidos invadiriam aquele país já estava escrita, possivelmente antes dos atentados de 11 de setembro de 2001, houvesse ou não provas das armas letais em poder do ditador Saddam Hussein, capturado em dezembro de 2003. As manifestações pacifistas em várias partes do mundo, na Europa, em cidades norte-americanas e no Fórum Social Mundial sediado em Porto Alegre, em janeiro de 2003, estavam desde antes fadadas à inutilidade. No romance *Ensaio sobre a lucidez*, o ministro do Interior, “mistura de drácula e rambo”, sustenta: “Que pretendem eles conseguir com isso, as manifestações nunca serviram para nada, ou então nunca as autorizaríamos”.³

² SARAMAGO, 2004, p. 243-244.

³ Id., p.130.

O protesto na rua da capital que votou em branco é na verdade uma manifestação de luto, depois que um atentado a bomba na estação do metrô deixou 34 mortos e dezenas de feridos. O atentado é um dos crimes hediondos praticados pelo próprio governo parlamentarista, protagonista de *Ensaio sobre a lucidez*. Por uma triste coincidência, Saramago teve o romance lançado na mesma época em que atentados terroristas abalaram estações de metrô em Madri, capital da Espanha, país aliado dos EUA e da Grã-Bretanha na guerra contra o Iraque.

No ensaio *Marxismo e Forma – Teorias dialéticas da literatura no século XX*, Fredric Jameson afirma que, a partir da era industrial, uma espécie de dissolução do humano se manifesta na literatura. A cada ponto, ele diz, em sua releitura do teórico húngaro, os caminhos da obra como que abandonam o núcleo humano e passam a levar ao contingente, à matéria, ao não-humano. O herói problemático do romance, emblema do jogo de forças entre a sociedade e seus valores predominantes e vítima de um desabrigo transcendental, de que fala Lukács, move-se num mundo em que o tempo, as instituições e os objetos perderam a sua compreensibilidade imediata.

O ensaio *A teoria do romance* foi publicado pela primeira vez no formato de uma revista, em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial. Décadas depois, ao sair em defesa de suas principais idéias, Jameson sublinha que, para Lukács, a narração é que apresenta a qualidade de absoluto. Como forma, o romance é uma tentativa na modernidade de capturar algo da qualidade da narração épica, como reconciliação entre espírito e matéria, vida e essência. O romance se reinventaria assim no seu próprio desenrolar. Processo que assiste à própria invenção dos problemas cuja resolução é sua estória, a unidade desse gênero literário brota da mente do romancista. Por meio da ironia, o criador completa sua criação apontando para si. Assim, para Lukács, destaca Jameson, “a imagem mais concreta da liberdade humana não está no herói, mas no romancista, que se realiza ao contar a história de um fracasso.”

Em 1947, mais de trinta anos depois do ensaio de Lukács e ainda sob o impacto do fim e das consequências da Segunda Guerra, Sartre complementa e atualiza, para a época, a idéia de que a totalidade, o absoluto, inserem-se no romance por intermédio da forma, e que essa forma também é condutora de liberdade, para quem escreve e igualmente para quem lê. O ato criador visa a uma retomada total do mundo, diz Sartre em *Que é a literatura?*:

Cada quadro, cada livro é uma recuperação da totalidade do ser; cada um deles apresenta essa totalidade à liberdade do espectador. Pois é bem esta a finalidade última da arte: recuperar este mundo, mostrando-o tal como ele é, mas como se tivesse origem na liberdade humana. (...) Se quisermos ir mais longe, devemos lembrar que o escritor, como todos os artistas, procura dar a seus leitores certa afeição a que se costuma chamar prazer estético e que, de minha parte, eu preferiria designar como alegria estética; e essa afeição, quando aparece, indica que a obra está completada.⁴

No caso da obra de Saramago, são evidentes os seus constantes apelos à liberdade dos outros homens para que, como afirmou Sartre, “eles reapropriem a totalidade do ser para o homem e fechem a humanidade sobre o universo”. São ambições tão grandes para um romancista que volta e meia o conteúdo de sua ficção se avizinha das intenções da oratória. Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, o narrador propõe que o Filho se liberte de um Pai sanguíneo. No romance *A caverna*, uma família de oleiros descobre poder fugir das duras regras da sociedade de consumo, representadas por um shopping gigantesco. Em relação a *Ensaio sobre a lucidez*, vale elencar exemplos da profunda liberdade de que se utiliza o romancista para tecer críticas pesadas sobretudo aos políticos de vários partidos, à igreja e à mídia.

Saramago foi por muito tempo simpatizante dos partidos comunistas, admirador de Fidel Castro, presidente de Cuba, mas nesse romance ele apresenta representantes dos partidos de esquerda como figuras solitárias, de triste figura, ingênuas, quixotescas mesmo. No dia da eleição, o mesário do p.d.e não pode seguir o exemplo dos colegas e telefonar chamando conhecidos para o voto por dois motivos: não dispõe de aparelho celular e de qualquer forma não teria parentes ou amigos a quem telefonar, longe ou perto. A política contemporânea, em geral, surge como puro teatro nonsense, o que é assustador. Membros do partido da direita, que está no poder, questionam os próprios direitos do cidadão, na medida em que seu uso legal, de votar em branco, por exemplo, arrisca ser considerado abusivo. Como garante o chefe de Estado em cadeia nacional de TV, com a face compungida, culpando o povo por subversão e indisciplina:

os direitos só o são integralmente nas palavras com que tenham sido enunciados e no pedaço de papel em que hajam sido consigna-

⁴SARTRE, 1989, p. 47.

dos, quer ele seja uma constituição, uma lei ou um regulamento qualquer, compreenderéis, oxalá convencidos, que a sua aplicação desmedida, inconsiderada, convulsionaria a sociedade mais solidamente estabelecida (...).⁵

Nos diálogos do romance, a Igreja é classificada de omissa diante do terror de Estado, e Deus, de surdo. Covardias várias são atribuídas ao primeiro escalão do governo, forte o suficiente para decretar estado de sítio, desde que permita a seus membros uma fuga da cidade no meio da noite, às três horas da madrugada, com escolta do aparato de segurança pública. Por meio da ficção, o autor português consegue afirmar que a mídia incentiva banhos de sangue e que há governos eleitos democraticamente que estão completamente cegos, diante dos quais a rejeição do voto em branco constituiria, em vez de atentado, uma manifestação de extrema e pacífica lucidez. Fosse declarar tudo isso em entrevistas ou teses acadêmicas, poderia ser processado por calúnia, difamação e injúria, poderia ser acusado de incitar o terrorismo.

Na forma de uma fábula, situando os discursos num espaço imaginário, ainda que presente, os efeitos dos protestos contra o estado das coisas são diferenciados. Há notadamente indignação, do escritor e dos seus leitores, mas há também o gozo estético de ambas as partes da cadeia da leitura. A leitura é também criação e ato de generosidade, lembra Sartre, referindo o fenômeno estético da criação em que o objeto criado é dado como objeto ao seu criador, para que ele obtenha o gozo. A alegria estética, prossegue o escritor francês, acompanha a consciência de que o mundo é um valor, uma tarefa proposta à liberdade humana:

Assim, o universo do escritor só aparecerá em toda a sua profundidade no exame, na admiração, na indignação do leitor; e o amor generoso é promessa de manter, e a indignação generosa é promessa de mudar, e a admiração é promessa de imitar; é certo que a literatura é uma coisa e a moral é outra bem diferente, mas no fundo do imperativo estético discernimos o imperativo moral.⁶

Por estas e outras aproximações, evidentes entre a teoria de Sartre e a prática ficcional de Saramago, chegam a soar ingênuas as

críticas à obra do Nobel português que lamentam a supremacia da ideologia sobre a arte da literatura. Em Saramago, a exemplo do que acontece na carreira do documentarista norte-americano Michael Moore, outro derrotado ao tentar não-reeleger Bush, o imperativo ideológico estrutura a sua criação, e não a deforma, como lamentam os críticos alheios à disposição de analisar um romance ou um filme nos parâmetros do projeto que o autor propõe. *Ensaio sobre a lucidez* coloca várias perguntas capitais para leitores de qualquer tempo ou espaço, e talvez a mais exasperante delas seja esta, na página 270 da edição brasileira: “Acreditas sinceramente no que estás a dizer?” A farsa e o cansaço das palavras, ensina Saramago, não são privilégios da política.

Referências

JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma* – Teorias dialéticas da literatura no século XX. São Paulo: Hucitec, 1985.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Livraria Duas Cidades-Editora 34, 2000.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

⁵ SARAMAGO, 2004, p. 97.

⁶ SARTRE, 1989, p. 51.